

Espiritualidade e História

Martin N. Dreher

Introdução

Quem diz “espiritualidade” está falando sobre o autor da espiritualidade, o Espírito Santo. Esta observação que deveria ser óbvia, não o é. Entre nós está bastante difundida uma definição de espiritualidade que é mais herança do mundo grego do que do ensinamento de Jesus. Nos dicionários, p. ex., vamos poder encontrar definições que afirmam ser o espiritual relativo ao espírito, por oposição à matéria. Espiritualidade seria, na seqüência desse pensamento, vida orientada em oposição à matéria, ao material, ao corpo. A partir daí, é fácil de se deduzir que espiritualidade não seria algo dado, de graça, pelo Espírito Santo, mas algo que pode ser adquirido pelo ser humano na medida em que consegue se distanciar do material, do corpóreo. Espiritualidade, quase o arrisco dizer, seria a arte do distanciamento do mundo. Foi nesse sentido que os monges que mais se afastavam do mundo foram considerados os seres mais espirituais. Ouso dizer que aqui há praticamente perversão do termo, pois se transforma o Espírito Santo, o autor da espiritualidade, no contrário daquilo que ele é. Falando na linguagem da narrativa de Pentecostes, ele não teria a função de tirar as pessoas de dentro de casa, lançando-as no mundo, mas de justamente mantê-las presas dentro de casa. O Espírito Santo seria o anti-transformador.

Na tradição luterana, em virtude da descoberta radical de Lutero, o Espírito Santo é o grande propulsor que age onde e quando for do agrado de Deus, mas que também não age de maneira distinta daquela que Deus usou para se revelar em Cristo: também o Espírito Santo se vale da feição da cruz. Ele age no mundo através da palavra pregada, que sai da boca imperfeita e impura dos pregadores, e dos sacramentos, exteriormente nada mais que o somatório de coisas fracas: três mãos de água, migalhas de pão, pequeno gole de vinho. Também na ação do Espírito Santo está presente a fraqueza da cruz. A fraqueza da cruz, porém, está profundamente ligada à encarnação de Deus em nosso mundo. Por isso, a vida que vem do Espírito Santo é vivida. Espiritualidade que não tem a ver com o mundo de Deus não é espiritualidade. Neste sentido, espiritualidade está profundamente ligada com a história, lugar da vida e da atuação da Igreja que é movida pelo Espírito Santo.

Dizer do Espírito Santo e da espiritualidade por ele criada e mantida é também dizer da vida da Igreja. Não existe vida da e na Igreja que não seja fruto da ação do Espírito Santo. Ele cria e mantém Igreja através da Palavra e dos Sacramentos e continua a agir, constantemente, nesta Igreja na vida e na ação das pessoas, as quais convoca através da Palavra e dos

Sacramentos. Também na vida e na ação destas pessoas, na espiritualidade destas pessoas, ele atua sob a feição da cruz, pois mostra seu poder na imperfeição destas pessoas. Muitas vezes, a fé na vida da Igreja foi despertada por causa da ação do Espírito Santo na vida de tais pessoas. Nossa vida espiritual, nossa espiritualidade, vive mais da continuidade da ação do Espírito Santo na vida de nossos contemporâneos e daqueles que foram antes de nós do que o podemos imaginar. Nossa vida vive mais dessa continuidade do que de uma descontinuidade. É por isso que estou convicto de que espiritualidade tem mais a ver com história do que estamos dispostos a aceitar.

1. Viver a Fé e Compreender-se a partir de Outros

Há pessoas que julgam só poderem ser autênticas no isolamento. Julgam ter preservada aí sua originalidade. Julgam-se, aliás, pessoas originais. Doce ilusão: Na verdade, somos cópias. Somos aquilo que nossos pais, mães, professores... escreveram em nós. Até arrisco dizer que somos o museu de nossos antepassados. Quem começa a cavar em si mesmo para encontrar as preciosidades que estariam nele contidas, não vai encontrar ouro, no máximo vai encontrar ossos velhos. Mas tem gente que continua a cavar; essa sua atividade se transforma em substitutivo para o ouro que não é encontrado. Não encontramos a espiritualidade em nós mesmos. Só descobrimos esta realidade quando aprendemos a ser humildes. Quando descobrimos que precisamos de outros. Para descobrir quem sou, também em minha espiritualidade, necessito de irmãs e de irmãos, de mães e de pais, de mestres e de mestras. No contato com eles vou descobrir verdade. Não no isolamento. Até aqui se nota que espiritualidade só pode acontecer no mundo, ao lado de gente fraca.

Um texto do Catecismo Menor de Lutero nos ajuda a ver que não podemos nos auto-realizar em nosso isolamento. Na explicação do segundo artigo do Credo Apostólico, Lutero vai dizer:

Creio que Jesus Cristo, verdadeiro Deus, nascido do Pai desde a eternidade, e também verdadeiro homem, nascido da Virgem Maria, é meu Senhor, que me remiu a mim, homem perdido e condenado, me resgatou e salvou de todos os pecados, da morte e do poder do diabo: não com ouro ou prata, mas com seu santo e precioso sangue e sua inocente paixão e morte, para que eu lhe pertença e viva submetido a ele, em seu reino, e o sirva em eterna justiça, inocência e bem aventurança, assim como ele ressuscitou da morte, vive e reina eternamente. Isto é certissimamente verdade.

A linguagem do texto e suas imagens estão distantes de mim e do meu dia-a-dia. “Resgatar” e “bem-aventurança” não são palavras que eu prova-ri diariamente. Tenho também que fazer um esforço de tradução para entender o que significa “me remiu a mim, homem perdido e condenado, me resgatou e salvou de todos os pecados, da morte e do poder do diabo”.

Mesmo assim, aprecio sua linguagem, mesmo que não seja a minha, pois sei que antes de mim muitas pessoas as puderam usar para confessar sua fé, eliminar seus temores, expressar seus sentimentos, seus sofrimentos e seus anseios. É, essa linguagem antiquada me liga aos anseios continuados, aos sonhos ainda não cumpridos dos mortos.

Essa linguagem antiquada, que não consigo usar em meus diálogos, auxilia minha fé. Se quisesse expressar minha fé apenas com meu vocabulário, este seria quase sem colorido, inexpressivo para dizer que fui liberto do diabo, da morte e que posso viver em bem-aventurança.

O texto expressa minha fé. Ele “produz” minha fé, no sentido da palavra “produzir”; leva-me para lá, onde ainda não estou. Minha fé na Vida vem de fora, é provocada pela fé de outros, de todos aqueles que encontram esperança nessa fórmula e que a proferiram antes de mim. A fé dos mortos torna-se minha máscara em minha falta de fé.

Quem crê que auto-realização é valor máximo e que sua autenticidade intelectual está acima de qualquer coisa, não vai concordar comigo. No entanto, será que podemos viver a partir de nossa honestidade intelectual? Quando tenho a liberdade de usar a linguagem de fé em formulações que não são minhas, aí posso, honestamente, aceitar-me como pessoa cheia de dúvidas e cética, que na realidade sou; como pessoa que balbucia a fé dos pais, falando com linguagem estranha, distanciado do que pronuncia. Nesse instante, porém, também sou uma pessoa que busca penetrar nas palavras dos pais na fé com minha fé ansiada. Uso a máscara da fé e..., maravilhosamente, avanço um pouquinho em minha própria fé. Isso significa liberdade e libertação de uma “autenticidade” muito raquítica. Aí não sou mais responsável por tudo, aí não sou nem mais plenamente responsável por uma questão tão pessoal como o é minha própria fé. Partilho-a com todos aqueles que antes de mim tentaram balbuciá-la e que agora a balbuciam comigo.

Os tradicionalistas talvez se alegrem com essas palavras. Não consigo acompanhar o tradicionalismo mórbido. Lutei com muitos a luta da emancipação dos pais. Julgo que tenhamos ficado mais autônomos. Já ninguém mais nos diz como nos devemos portar, quais as regras de conduta que devemos ter. Quase todo comportamento é admissível. Ninguém mais nos “obriga” no mundo religioso e eclesiástico. Aqui nos tornamos nossos próprios senhores e senhoras, mesmo que em nossa sociedade continuem a existir pressões políticas, sociais e econômicas em número razoavelmente grande. Em questões de “fé” nós nos tornamos nossos próprios senhores. Somos auto-suficientes. Mas será que podemos ser senhores de nossa própria vida? Acho que devemos aprender a nos entender a partir de outros novamente.

Tenho pena das pessoas que se contentam consigo mesmas. Julgam que quando surgem tormentas vão poder viver de sua riqueza interior e produzir suas próprias flores. Tais pessoas ainda não cresceram nem se tornaram adultas, pois crescer e se tornar adulto é descobrir que não temos den-

tro de nós tantas reservas assim e que não nos podemos alimentar exclusivamente delas. A esperança que tiramos de dentro de nós é por demais pequena. Somos mendigos. Não conseguimos alimentar-nos, consolar-nos e encorajar-nos sozinhos.

Isso dói, mas também liberta. A mensagem central da fé cristã é que não precisamos autojustificar nossa vida. Não há pobreza, fraqueza ou escassez que consiga tornar essa vida maldita. Isso significa viver a partir da graça. Não preciso tentar apenas comigo mesmo. Não preciso contentar-me com minha própria pobreza. Podemos colher o que não semeamos. Podemos encorajar-nos com frases que não formulamos.

Hoje pela manhã, quando escrevo essas palavras, as *Senhas Diárias* dizem: “Tu, que me tens feito ver muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida.” Não sei em quantas situações distintas essas palavras terão sido lidas. Alguns terão estado tremendamente tristes, outros desesperados com a conjuntura nacional. A situação de muitos só lhes teria permitido orar um salmo de lamentações. E agora essa palavra que nem sequer escolheram, que não lhes formula o desespero pelo que passam, mas que aparece em seus caminhos. Talvez a pessoa tenha recitado a palavra “Tu, que me tens feito muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida.” Talvez lhe tenham soado estranhas, talvez não as tenha crido, porque não consegue mais crer. No entanto, essa palavra, que não foi por ela escolhida, provoca algo importante. Ela vai contra as idéias que vinha tendo. Ela leva o leitor a discutir consigo mesmo. Ele tem que se distanciar de si mesmo. O desespero não é mais a única voz a soar. Isso ainda não é fé, mas talvez a descrença tenha sido abalada. E, não seria crer, muitas vezes, deixar-se abalar em sua descrença, deixar romper o fatalismo?

É importante que o ser humano se conheça a partir de fora, a partir da força de seus pais e mães que pronunciaram essa mesma sentença, talvez com outra entonação, antes dele. É importante que o ser humano se conheça a partir da força de suas irmãs e irmãos que pronunciaram essa sentença com mais coragem. A fé, a coragem e a esperança não vêm de dentro de nós; vêm de fora. Não é necessário que respondamos por tudo o que dizemos. É bom poder viver da graça.

Podemos abandonar nossa solidão, podemos ancorar-nos na esperança de muitos. Podemos ouvir as tradições da fé cristã. Mas também podemos observar como nossos pais e mães deram forma a suas esperanças e a sua fé. Dessa forma faziam parte a leitura diária da Bíblia, a confissão de pecados, as diversas orações diárias, as *Senhas Diárias*, o culto dominical, os costumes religiosos. Creio que temos condições de observar positivamente os instrumentos da espiritualidade. Temos condições de adotar o que foi importante em sua sabedoria de vida. Sabedoria de vida não são leis que devemos assumir rigidamente, mas ofertas para a vida, das quais podemos herdar coisas valiosas. É necessário examinar.

Parece-me que nos últimos anos fomos bastante rigorosos em relação

a tradições. Queríamos construir. Quando se constrói, também é necessário que se faça limpeza. No entanto, é chegado o tempo de se começar a construir, de se dar forma. Tudo aquilo no que se crê precisa de forma. Não existe fé cristã como forma abstrata, como idéia pura. Nossas aspirações necessitam de exercitação, de representação, de corporalidade e de percepção sensível. Só consigo me ver naquilo que creio, quando dou forma e expressão a minha fé e a minhas esperanças. A salvação não está no discurso. Temos que aprender a silenciar, ouvir, ler, jejuar, abençoar, colocar flores sobre o altar, confessar pecados. Expressar nossas esperanças através de muitos gestos. Temos que nos reconhecer como pessoas que crêem, senão nossa fé ficará fraca. E isso acontece diariamente, não apenas em situações especiais. É na vida diária que necessitamos de consolo, de edificação, de purificação. Fé cristã só é possível como acontecimento diário. Preciso de alimento diário. Vivemos em uma época em que é difícil preservar a esperança e não perder a fé. Justamente por isso é necessário que saibamos orar a fé e interpretar a esperança nos instrumentos que ainda temos.

Nas linhas que estou escrevendo, tento balbuciar expressão de fé. Não sou original. O original é o Espírito Santo. Dele vem minha espiritualidade e noto que minha espiritualidade me foi por ele transmitida na história. Cada vez que cavo na história da IECLB, vou descobrindo elementos que estão presentes em minha maneira de expressar a fé e que estão presentes na expressão de fé de outras pessoas. Descubro, então, uma corrente de espiritualidade. Compartilho uma dessas correntes.

2. O Pastor Johann Jakob Zink (1844-1918)

Muitos dos missionários e pastores que vieram a atuar no âmbito da atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil têm aspectos biográficos altamente interessantes. Alguns deles sobreviveram pela graça de Deus, pois seguindo-se resoluções humanas deveriam ter morrido logo após sua chegada ao Brasil. Do Dr. Wilhelm Rotermund, fundador do Sínodo Riograndense, sabe-se que foi enviado para São Leopoldo, pois o clima da cidade poderia auxiliá-lo a melhorar as condições de seus fracos pulmões. Quem conhece o clima de São Leopoldo, sabe que provoca doenças pulmonares, ao invés de eliminá-las. Rotermund faleceu octogenário! Milagre. Não muito diferente foi a situação do missionário de Basiléia, Johann Jakob Zink, ou: João Jacob Zink, como assinava no Brasil, para tornar possível parte da incumbência que recebera ao ser despedido de Basiléia, qual seja, missionar também entre pessoas de idioma português.

Zink nasceu a 20 de agosto de 1844, na localidade de Unterensingen, Württemberg, Alemanha. A simples nomeação da área geográfica de seu nascimento evidencia que sua fé e personalidade foram moldadas pelo pietismo suábico. Nesse pietismo fé e ação estão intimamente relacionados. Ora-

se como se o trabalho fosse em vão; trabalha-se como se toda a oração de nada adiantasse. Toda a atividade é feita dentro da mais profunda confiança em Deus. Trabalha-se sem fazer grandes arrazoados. Veracidade, retidão e honradez são observados em seus mínimos detalhes. Quando uma das filhas de Zink, diretora do Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre/RS, foi questionada durante os anos da Segunda Guerra Mundial pela polícia, quanto à veracidade dos dados que fornecia relativamente ao hospital que dirigia, afirmou: “Aprendi de meu pai, não mudo minha opinião. Não colocarei nenhuma mentira no relatório. Aconteça o que acontecer.” A polícia curvou-se ante as palavras firmes e decididas.

O currículo de Johann Jakob Zink mostra que sua vida não foi fácil. Foi criança frágil e doente. Sabe-se que começou a andar quando tinha já três anos de idade. Frequentou a escola da aldeia natal e, após a confirmação teve que continuar vivendo na casa paterna. Sabe-se que aprendeu um ofício. Aos 20 anos de idade deixou a casa paterna, no vale do rio Neckar e dirigiu-se para Basiléia. Apesar de suas condições precárias, queria ser missionário. A saúde, aliás, não deixou de ser preocupação constante durante os anos de estudo na Casa de Missão. Seu diário, iniciado a 10 de fevereiro de 1869, traz as seguintes primeiras anotações:

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus. Is 41.10 — Senha de ano novo da Casa de Missão para o ano de 1869.

Já agora se me tornou suficiente consolo, ah, querido Deus, ajuda-me para que possa crer sempre mais firmemente.

A 11 de dezembro de 68 entrei no quarto de doentes e no dia de hoje meu futuro ainda é obscuro. Quão deliciosas são as horas em que posso ver em teu perfeito gozo, ó salvador; experimentar tua presença a fundo: permite que eu o possa sempre mais.

No dia de hoje o Senhor procurou rememorar-me meus pecados que já cometi na Casa. Ó, quão inúmeros são os que nem mesmo quero reconhecer. Senhor, permite que eu os reconheça e perdoa-mos.

Sempre de novo sobrevêm-me dúvidas, se minha vontade de servir ao Senhor é realmente sincera. Como gostaria de ter trabalhado com muito mais energia, de não ter sempre de novo perdido a coragem.

Como me alegro poder crer que o Senhor também me perdoa estes pecados.

Querido Senhor, permite-me lutar até o fim e crer e permanecer fiel até o fim.

É somente a anotação de 15 de abril que vai trazer a notícia que pôde deixar a enfermaria e retomar as aulas. Suas precárias condições de saúde, ligadas ao esforço, dedicação e vida de fé, levaram a que após cinco anos de permanência na Casa de Missão fosse considerado apto para a atividade missionária. A formulação pode parecer contraditória, mas aparentemente a direção da Casa de Missão deve ter tomado a decisão de enviá-lo para o exterior na esperança de que um clima mais favorável que o europeu pudesse auxiliá-lo. Uma anotação de 28 de abril de 1869 diz: “ O Comitê designou-me para o Brasil, inicialmente na Província de São Paulo.” Três semanas antes de sua partida para o Brasil, a 6 de junho de 1869, Johann

Jakob Zink seria ordenado em Nürtingen, Württemberg.

As condições de envio são precaríssimas e chocam a qualquer jovem ou missionário que, em nossos dias, vai assumir sua primeira atividade pastoral ou missionária. A Casa de Missão assumiu as despesas de viagem e deu-lhe pequena importância em dinheiro para as despesas de alimentação. Ao chegar ao Rio de Janeiro o que restava do dinheiro eram só 100 \$. A viagem ao Brasil foi feita com a indicação de que deveria atuar na Província de São Paulo. Não havia cartas de recomendação nem de referência, não havia contrato de trabalho, não existiam os meios que assegurassem a subsistência nos primeiros meses de atividade. Hoje designar-se-ia tal ação da Casa de Missão de imprudente, talvez até de irresponsável. Na época tal postura era considerada confiança em Deus. É sempre bom lembrar que além da falta de qualquer meio de sobrevivência, o missionário tinha precárias condições de saúde.

Talvez houvesse a suposição de que os imigrantes alemães residentes na Província de São Paulo pudessem manter o missionário. Mas também tal conjectura é inviável, pois alguns anos antes o Ministro Plenipotenciário suíço, Johann Jakob von Tschudi, havia feito relatos assustadores a respeito das condições sociais e econômicas dos alemães e suíços emigrados para São Paulo. As memórias de Thomas Davatz, publicadas na Europa também davam conta de que São Paulo nada tinha de mar-de-rosas.

A Província de São Paulo contava, então, com quase dois milhões de habitantes. A população escrava era considerável. Nela viviam alguns milhares de imigrantes alemães e suíços. Excetuadas as cidades de São Paulo, Campinas e Santos, onde havia maior concentração de imigrantes, a maioria absoluta deles vivia em núcleos isolados de no máximo 5, 20 ou 30 famílias. Zink deveria buscar estes imigrantes, ser seu cura d'almas e reuni-los em comunidades. Onde fosse indicado deveriam ser construídas escolas e capelas. A tarefa requeria alguém com saúde inabalável, o pastor que vinha era doente e fora considerado imprestável para a missão entre pagãos por razões de saúde. O milagre é que Zink conseguiu ser pastor na Província de São Paulo por 49 anos!

Chegado a São Paulo, a capital, Zink dirigiu-se aos missionários presbiterianos que ali residiam. Estes irmãos protestantes deveriam auxiliá-lo com seus conselhos. O relacionamento com os presbiterianos foi excepcional, pois não só lhe deram os conselhos necessários como também lhe providenciaram o sustento necessário. Este episódio merece nossa especial atenção, pois atesta do fraterno trabalho ecumênico entre os missionários evangélicos nos primórdios da evangelização protestante no interior de São Paulo. Foram os presbiterianos que possibilitaram a Zink a criação da Igreja Luterana nesta região do Brasil. Em troca e em reconhecimento, Zink chegou por alguns anos a atender comunidades presbiterianas. Era obreiro em meio turno para os presbiterianos, para poder atender seus irmãos luteranos.

Após algumas semanas de permanência em São Paulo, Zink rumou

para a cidade de Limeira, centro geográfico de sua área de atuação. Dali buscava os cristãos luteranos dispersos entre Piraçununga e Jaú, de um lado, e São Paulo, de outro. Dentre os lugares que visitava, encontram-se os nomes de Jeronymo, Phillipi, Cresciumal, Sete Quedas, Araras, Piracicaba, Rocinha, Louveira. Alguns destes lugares podem ser identificados. Junto a Piracicaba ficavam as fazendas Paraíso e São Lourenço, junto a Rio Claro ficavam as fazendas Ibicaba, Angélica, Itaúna e Boa Vista, junto a Campinas localizava-se a fazenda Sete Quedas, Cresciumal ficava perto de Leme, enquanto que Phillipi e Jerônimo estavam localizadas em Limeira.

A miséria destes imigrantes era enorme. Viviam no sistema de parceiros criado pelo Senador Vergueiro. Os primeiros haviam ingressado na Província em 1852, vindos de Holstein. Alguns anos mais tarde haviam imigrado suíços. Nas décadas de 1850 e 1860 praticamente nada foi feito no sentido de se dar acompanhamento eclesiástico para estes imigrados. Ficaram entregues à própria sorte. As crianças ficavam sem o sacramento do batismo ou eram batizadas por sacerdotes católicos. Seus matrimônios foram abençoados pelos mesmos sacerdotes, sob a condição de se filiarem à igreja católica. Seus mortos só podiam ser sepultados junto ao cemitério, isto é, junto ao muro, do lado de fora do campo santo. Por volta de 1865, o missionário presbiteriano Schneider buscou acompanhar os imigrantes; no entanto, a piedade destes não correspondia ao que Schneider supunha devesse ser verdadeira piedade cristã. Schneider abandonou este acompanhamento. Assim, se deixarmos de lado uma tentativa do Pastor Hölzel, ex-pároco de Joinville, que por certo tempo se instalou em São Paulo, Johann Jacob Zink vai ser o pioneiro da atividade pastoral entre os luteranos de São Paulo.

A atividade pastoral de Zink desde cedo esteve acompanhada da atividade escolar. Em todas as localidades em que atuou ao longo de 49 anos, dedicou-se também ao ensino e à alfabetização.

Durante longo tempo, as preocupações foram uma constante na vida do missionário de Basileia. A falta de subsistência garantida sempre de novo levou-o a mudar o local de sua residência. Os meeiros das fazendas de café não tinham condições de manter um pastor. Da Europa não vinham auxílios. A escola era, muitas vezes, a única possibilidade que encontrava para conseguir alguns trocados. Foi, por isso, que mudou tantas vezes de residência: 1869-72 Limeira, 1872-73 Jeronymo/Limeira, 1873-76, Rocinha, 1876-77 São Paulo (capital), 1877-91 Rio Claro, 1891-99 Campinas, 1899-1908 Juiz de Fora/MG, 1908-1918 Campinas. Em 1877 as preocupações financeiras eram de tal monta que Zink se dirigiu à Sociedade Missionária de Basileia, pedindo auxílio para retornar à Alemanha. A Sociedade atendeu seu pedido e procurou conseguir-lhe campo de atividade em Württemberg. Se acabou permanecendo no Brasil foi porque um pastor presbiteriano lhe fez a oferta de atuar em Rio Claro no trabalho presbiteriano, tendo a possibilidade de, ao lado, atender seus irmãos luteranos. Durante cinco anos Zink

trabalharia para e com os presbiterianos, pregando em português e fazendo longas viagens pelo interior do Estado de São Paulo.

Desde 1875, Zink receberia auxílio para o pastoreio entre os luteranos de São Paulo na pessoa do missionário de Basiléia Friedrich Müller, também originário de Württemberg. Müller instalar-se-ia no Bairro Pires de Limeira, onde atuaria até 1918.

O período de atuação em Rio Claro pode ser considerado um período muito frutífero. A comunidade foi por ele edificada, uma primeira escola e templo surgiram por seu empenho. O admirável é que pôde colocar de seus poucos recursos uma parcela considerável para construção destas edificações. Os trabalhos escolares desenvolveram-se a contento, permitindo a contratação de um professor na pessoa de Theodor Koelle. Koelle, que mais tarde se dedicaria a estudos teológicos, vindo a ser ordenado em Württemberg, donde era natural, pôde ser parceiro e, mais tarde, até genro e sucessor de Johann Jakob Zink.

Organizada a comunidade de Rio Claro, Zink buscou outra frente de trabalho. Em 1891, transferiu-se para Campinas. O trabalho parecia ser promissor, pois Campinas contava, então, com população protestante considerável. Os anos de 1892 a 1896 foram, no entanto, os mais sofridos da história de Campinas, em virtude da epidemia de febre amarela. Muitos dos membros da família adoeceram. Em sua própria casa adoeceu e veio a falecer o professor que mandara vir da Alemanha para auxiliá-lo nos trabalhos escolares. Foi em meio a estas situações de febre e morte que uma das filhas do pastor de Basiléia, Sophia Paulina, decidiu consagrar sua vida totalmente ao serviço de Deus, vindo a ser a primeira jovem brasileira a ingressar na Casa Matriz de Diaconisas de Münster, na Westfália. Mais tarde retornaria ao Brasil, onde realizaria trabalho abençoado. As epidemias em Campinas, no entanto, levaram muitos protestantes a abandonar a cidade, vindo a se estabelecer em São Paulo. Houve tensões na comunidade e, em 1899, Zink abandonava o Estado de São Paulo, dirigindo-se para Juiz de Fora, em Minas Gerais. Ali permaneceria por nove anos, quando novamente convocado para atuar em Campinas. A Igreja Evangélica da Prússia e a Obra Gustavo Adolfo na Alemanha dariam suporte para esta nova etapa de trabalho. A atuação em Campinas se estenderia até o dia 31 de março de 1918. Neste dia, um domingo de páscoa, depois de ter pregado durante a semana santa, o pastor Zink falecia. Tinha 73 anos. Iniciava-se sua aposentadoria.

No trabalho nada fácil de ser pastor entre os imigrantes na Província de São Paulo, Zink encontrou uma fiel companheira na pessoa de Sophie Höflinger. Sophie, também natural de Württemberg, veio ao Brasil no mesmo veleiro francês que Johann Jakob, para auxiliar, em Petrópolis, a seu meio-irmão Bernhard Pflüger, outro missionário de Basiléia. O casamento dos dois foi marcado para 18 de novembro de 1870, em São Paulo. Quando a noiva chegou a São Paulo, o noivo se encontrava à beira da morte.

A velha doença dos dias da Casa de Missão voltara a se manifestar. Zink sobreviveu, e o matrimônio iniciado junto ao leito, que poderia ter sido o leito de morte, foi abençoado com sete crianças.

Na sepultura de Zink, em Campinas, foram gravadas as palavras: “Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu.”

3. Raízes de uma Espiritualidade

Pouco descobri sobre o lar, do qual Johann Jakob Zink provinha. Há indícios de que as profundas correntes do pietismo de Württemberg estejam presentes em sua família. O mesmo pietismo deve ter estado presente na vida de sua esposa Sophia Margarete Höflinger (1849-1940). Esta piedade conseguiram transmitir a seus descendentes. É verdade que surgem nuances distintas, mas há uma linha histórica que continua.

Numa das anotações de seu diário, Zink pede que Deus o torne sempre mais um “Bibelman”, um “homem da Bíblia”, isto é, uma pessoa que vivia com e a partir da Sagrada Escritura. As palavras de sua ordenação: “Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu” (Is 43.1b) permaneceram lema constante para suas atribuladas andanças pelos interiores de São Paulo e foram inscritas em sua pedra tumular. Outra palavra de Isaías dá início a seu diário: “Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus” (Is 41.10). Durante a viagem para o Brasil esteve estudando o livro de Jó, usando a edição comentada de August Dächsel (1818-1901). Em todo o seu diário constata-se, aliás, uma profunda piedade bíblica.

Outro aspecto da piedade de Zink é a oração. Todo o seu diário é feito de constantes diálogos com Deus. Há preocupações com a saúde, confessadas a Deus, mas logo o pedido insistente para que Deus encontre os meios para a recuperação. Há preocupações em relação ao futuro incerto, mas o pedido de que Deus torne este futuro certo. Há orações pelo colega impenitente na Casa de Missão, pelo pai que se encontrava doente e logo se recupera. Há constantes pedidos para poder viver segundo a vontade de Deus. Ao ser indicado para atuar em São Paulo, só pôde aceitar a indicação em virtude de antes sempre haver pedido que Deus orientasse o coração do Comitê indicador da Casa de Missão:

Quanta seriedade é necessária e uma total entrega confiada, quando se enfrenta tão séria fase da vida da gente. No entanto, querido Senhor, tu me conduziste de maneira tão bem-aventurada, tão maravilhosa, tão amorosa, não só em relação ao homem exterior; por isso, quero ir e não posso dizer não, mesmo que todo o peso e tudo o que há de desagradável viesse a me oprimir. (Anotações de 30 de abril de 1869.)

A oração ensina a confiar em Deus e a viver mesmo em meio a adversidades. Parte da biblioteca de Johann Jacob Zink foi incorporada à bibliote-

ca da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, depois de ter sido usada por seu genro, Theodor Koelle, e pelo esposo de uma neta, Alfred Grasis. Dentre seus livros, a maioria elaborados por autores do reavivamento alemão, vamos encontrar obras dos irmãos Hofacker. Em seu diário, por diversas vezes, faz referência ao fato de no domingo haver lido sermão de Wilhelm Hofacker (1805-1848) ou de estar lendo biografia de Ludwig Hofacker (1797-1828). Os irmãos Hofacker contam entre os maiores representantes do pietismo de Württemberg. Ludwig Hofacker, o mais velho dos irmãos, falecido com 30 anos de idade, passou pela experiência de conversão e exerceu seu ministério, sempre lutando com deficiências e com sua saúde. Inicialmente, está sob a influência de uma visão legalista e rigorosa da fé cristã. Lendo Zinzendorf e outros autores do pietismo, adota uma interpretação “evangélica” da fé cristã. Seus sermões atraíram multidões e foram avidamente lidos por toda uma geração. Concentra a tônica de seus sermões na misericórdia de Deus e na adoração deste mesmo Deus. Tônica da pregação vai ser a poimênica, a cura d’almas. Os irmãos Hofacker vão ser exemplos de ministério na atividade no interior de São Paulo.

O diário fala ainda de um outro representante do reavivamento, cuja *Vita* Zink lê durante a viagem ao Brasil. Trata-se de Georg Müller (1805-1898), teólogo evangélico, que durante seus estudos em Halle passou a ser adepto do reavivamento. Aos 24 anos foi para a Inglaterra, onde pretendia missionar entre os judeus. Em Bristol, porém, veio a se dedicar sempre mais à atividade entre crianças, criando escolas e orfanato. Dedicado à evangelização, teve por normal viver somente de doações obtidas através da oração. Lendo a vida de Müller, Zink vai conversar com Deus em seu diário, pedindo que possa viver com a mesma parcimônia que Müller.

Em sua biblioteca encontravam-se ainda obras de Flattich, Bengel, Rambach. Esses autores e outros mostram toda uma tradição, na qual se encontram Johann Jakob Zink e outros missionários de Basileia que vieram a atuar nas comunidades de imigrantes alemães, que hoje formam a Igreja Evangélica no Brasil. Quando se estuda a história da piedade nessas comunidades, encontram-se aqui e lá traços do trabalho dos missionários, sinais da atuação continuada do Espírito Santo. A verificação da atuação do Espírito Santo e dos meios que usa na história ensinam-nos a sermos mais humildes, a vivermos mais a partir de Deus e da atuação de Deus nos outros, do que a partir de nós mesmos. Viver espiritualidade é viver a partir da graça. A vida daqueles que foram antes de nós e nos quais o Espírito Santo atuou deve ser motivo da graça, louvor e de atuação na história.

Bibliografia

BRÄNDT, Hermann. *Espiritualidade; Motivações e Critérios*. São Leopoldo, Sinodal, 1978.

DREHER, Martin N. *Irmã Sophia* (inédito).

DREHER, Martin N. *Espiritualidade Hoje* (em preparo).

KÖLLE, Theodor. Geschichte der deutschen evangelischen Kirche im Innern des Staates São Paulo, mit besonderer Berücksichtigung der Gemeinde Rio Claro im gleichen Staat. *Jahrweiser*, São Leopoldo, 16:70-77, 1937.

METHNER, Hans. A Comunidade Evangélica Luterana de Campinas. In: BEGRICH, Martin (ed.). *Em Comemoração do 50º Aniversário do Sinodo Evangélico do Brasil Central*, fundado em 28/30 de junho de 1912. s.l., s.e., 1962, p. 49-51.

S., W., Pastor J. J. Zinks Leben und Wirken. *Der Christenbote*; Monatsblatt für die deutschen evangelischen Gemeinden in Santa Catharina und in Mittelbrasilien, Blumenau, 32(12):4-6, 1919.

ZINK, Johann Jakob. *Tagebuch*; Basel den 10. Februar 1869 bis Bairro de Pires 28 Febr. 1870 (cópia manuscrita, preparada por Julia Koelle Grassatis).